
CAPÍTULO 13

Mapeamento da presença de Henrique Teixeira de Sousa no *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz

1. Enquadramento

O presente capítulo visa apresentar um breve mapeamento da presença de Henrique Teixeira de Sousa no *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*, que dirigido por Bento Levy, se transformou num “órgão de divulgação da produção claridosa, como também no mais importante instrumento de revelação das novas gerações [neoclaridosas] e da Nova Largada, como atestam as colaborações de Jorge Barbosa, Maria Helena Spencer, Henrique Teixeira de Sousa, Gabriel Mariano, entre muitos outros”. (Almada, 2008, p. 48). Com um custo de 2\$50, foi publicado no dia 1 de outubro de 1949, na cidade da Praia, ilha de Santiago, Cabo Verde, facto que fez com que a cidade do Mindelo perdesse uma certa importância cultural e literária conquistada, sobretudo, com a publicação da revista *Claridade* em março de 1936. Trata-se, pois, de um boletim que, segundo José Nobre de Oliveira, serviu “para veicular a propaganda do regime e não para denúncias! Prova disso? Basta dizer que nascido em plena fome de 49, durante a qual milhares de cabo-verdianos faleceram, praticamente não se refere à tragédia. Menos importante por isso? Curiosamente, não!”. (Oliveira, 1988, p. 527). Para este assunto, José Luís Hopffer C. Almada defende que:

O *Boletim Cabo Verde* comprovar-se-ia como a mais importante e regular revista cabo-verdiana do período colonial, quer por agregar um leque de colaboradores que, apesar de carácter oficioso de órgão do governo da província ultramarina e dos inerentes compromissos com as políticas oficiais, era assaz plural e abrangente de todas as gerações, quer ainda por se ter constituído como o maior reportório do saber intelectual cabo-verdiano existente na altura e nas mais variadas áreas. (Almada, 2008, p. 47).

Partilhando da opinião do poeta e ensaísta cabo-verdiano citado anteriormente, diríamos que o dito boletim foi um divulgador de grandes nomes da literatura cabo-verdiana e de temáticas do quotidiano das ilhas. Assim sendo, tratando-se de “um jornal de todos”, em que cada ideia teria cabimento, teve como principais propósitos ser um reportório de todas as

ideias que visavam a melhoria das condições de vida em Cabo Verde e “das realizações levadas a efeito – propaganda. O que foi, o que é e o que pode ser o arquipélago de Cabo Verde, sob todos os aspetos que o possam tornar conhecido e que interessem à sua existência e desenvolvimento [...]. (Roçadas, 1949, p. 10). Não se tratando de um boletim que pretendia a divulgação de anúncios, a direção da Imprensa Nacional de Cabo Verde acabou por inserir anúncios publicitários e atividades, após ter recebido obstinados pedidos nesse sentido. No edital do seu primeiro número, o Governador de Cabo Verde, Carlos Alves Roçadas (1949-1953), “a quem se deve a feliz iniciativa deste boletim e que o honra com um editorial, notável pela elegância e concisão com que define os objetivos a atingir” (Levy, 1949, p.10), registou que nada se pretendia de novo. Pretendia-se, sim, mobilizar o primeiro escalão de luta de Cabo Verde, ou seja, os homens que acreditavam na luta e não na fatalidade (Roçadas, 1949), uma vez que “a fatalidade não é senão um refúgio, ou uma explicação, para os que não sabem, ou cuidam não saber vencer. Pode um ou outro elemento da coletividade parecer nessa luta, mas o Homem vence sempre, porque tem cérebro e porque tem o braço”. (Roçadas, 1949, p.1).

O primeiro número contou com a colaboração de nomes, como Carlos Alves Roçadas, já referido; Joaquim Ribeiro; Amílcar Cabral; Júlio Monteiro Júnior; Mário Seca; Manuel Coelho Pereira Serra; e M. Tomas Dias. Publicitaram nele nomes como: Júlio Simas Vera Cruz (Importador – Exportador – Comércio por Grosso e a Retalho); Vasco & Figueiredo, Lda. (Beiralta Beba – O Único Refrigerante com Maquinismos Modernos e o Máximo de Asseio); Luís do Quental Barbosa Vicente (Casa Firestone de Luís do Quental B. Vicente); Carvalho, Ribeiro & Ferreira, Lda. (Importadores – Exportadores); Henriqueta Monteiro Fontes (Confeitaria – Bolos – Doces); Sociedade Luso-africana Lda. (Depósito de Tecidos Nacionais e Estrangeiros – Géneros Alimentícios, Bebidas e Tabacos); e Abel Cruz (Comércio Geral, Representações, Fazendas, Papelaria, Livraria, Ferragens Merceria e Quinquilharias).

A sua capa é constituída por uma imagem que representa o pôr do sol no Porto Grande do Mindelo, ilha de S. Vicente, sendo que à direita vemos o Monte Cara, uma elevação, com 490 metros de altitude, a oeste desse porto. A sua designação advém do facto de possuir um recorte que nos remete para um rosto humano olhando o céu. Também já teve a denominação de Washington ou cabeça de Washington. Tem sido referenciado na literatura por nomes, como Henrique Teixeira de Sousa, Germano Almeida, Luís Batalha, Jorgen Carling, Ricardo Ramalho; e Maria Helena Sato. A contracapa desse número conta com dois anúncios: “Oçam a colónia através do seu emissor de ondas curtas CR 4 AA com sede na Praia; – Rádio Clube de Cabo Verde – no cumprimento de onda de 50, m8 todos os dias das 18:30 às 20 horas (hora local) – Palestras, noticiário, música regional e variada”. (Levy, 1949, p. 20).

Foi publicado numa altura em que os cabo-verdianos enfrentavam um período de apatia, de indiferença que os obrigavam a desacreditar em tudo. Para contornar essa situação, Bento Levy entendeu que era necessário colocar um plano em “marcha”, visto que: “os céticos já podem acreditar. Os detratores – haverá detratores? Se os houver, esses que fiquem para trás.

Que cerrem fileiras connosco todos os bem-intencionados; que todos quantos possam formar o primeiro escalão de combate se unam àqueles que já cá estão [...]” (Levy, 1949: 2). Corroborando da opinião de Bento Levy, Jorge Barbosa, citando Duarte Nunes Leão, defende que os detratores existem, ou seja, “[o]s que nada fazem, sabem criticar a obra alheia”. (*Apud* Luz, 2013, p. iii). Refira-se que o autor, em apreço, também conhecido por Nhô Jorge, um autor que, além, de poesia, crônicas de *S. Vicente*, publicou dois contos, *Conversa Interrompida e 5 Vidas num Escritório* (1952) e outros textos no *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*. Também inclui vários textos que lhe foram dirigidos, merecendo evidência o poema “Evasão”⁵⁶, de Manuel Serra, que foi enviado ao Bento Levy com a seguinte nota: “o poema que vai anexo, é dedicado ao nosso Jorge Barbosa. O tema é velho e relho, mas se é uma constante, como fugir a reconhecê-lo? Prosperidades para o *Boletim* e um rijo abraço para ti do teu colega e amigo grato”. (Serra, 1954, p. 21).

Esta temática da evasão, título do poema referenciado, é analisada por Henrique Teixeira de Sousa no editorial do n.º 14 (1950) do boletim, a par da relação do homem com o meio onde se insere, como se nota na seguinte transcrição:

A prova de que o homem é filho do meio, evidencia-se no facto de a literatura cabo-verdiana ser uma literatura de evasão, quando não é de aceitação. Literatura de exaltação só é possível nos países prósperos ou em via de prosperidade. Se na realidade o ambiente plasma o homem à sua imagem e semelhança, também não é menos verdade que o homem, em luta com a natureza, o modifica, criando um condicionamento físico de que passa a receber os influxos modeladores dum estilo de vida diferente. O novo *habitat*, porém, somente é possível pelo emprego da técnica. (Sousa, 1950, p. 2).

O mesmo autor, Henrique Teixeira de Sousa, considerado um dos valores mais importantes de Cabo Verde, defende que a cultura, a sabedoria e a experiência coletivas são influenciadas pela existência de uma elite com a incumbência de consciencializar os constituintes desconhecidos (Sousa, 1950), facto que nos remete para a trilogia: Ambiente-elite-povo. Neste sentido, Glória Brito considera que:

Figura tutelar da ilha do Fogo e um dos representantes da segunda *claridosidade*, Teixeira de Sousa conciliou uma intensa atividade profissional com uma criação ensaística e literária. Reconhecido em vida pela sua exemplaridade, integridade e humanismo e pela sua autoridade intelectual, tendo merecido vários prémios literários e distinções que atestam o seu justo lugar entre os consagrados contistas e romancistas cabo-verdianos e, igualmente, entre as destacadas figuras da ciência e da intervenção cívica. Recorde-se que Teixeira de Sousa foi Delegado de Saúde na ilha do Fogo durante cinco anos (1949-1954) onde empreendeu a

recuperação, apetrechamento e modernização do hospital e de uma maternidade e, paralelamente, iniciou um trabalho pioneiro de medicina preventiva, assistência itinerante, despiste e erradicação da lepra e da malária. (Brito, 2008, pp. 580-581).

Em “diálogo” com o autor, em análise, Amílcar Cabral publicou o texto “Em Defesa da Terra – A Erosão: suas causas e consequências”, no n.º 2 (1950), onde defende que: “É certo que nas condições em que atualmente se encontra Cabo Verde, a medida que se impõe é a defesa do Homem”. (Cabral, 1949, p. 2).

2. Henrique Teixeira de Sousa no Boletim

Tendo Henrique Teixeira de Sousa sido um dos grandes colaboradores do referido boletim, não só pela quantidade, mas também pela qualidade, publicou vários textos, a destacar: “Aspetos do nosso Problema Alimentar”, no n.º 2 (1949); “A Saúde Pública”, parte I”, no n.º 3 (1949); “A Saúde Pública”, parte II, no n.º 4 (1950), com o subtítulo “Breve Esquisto da História da Medicina (Continuação)”; “A Saúde Pública”, parte III, no n.º 5 (1950), com o subtítulo “A Função Social da Medicina”; “A Saúde Pública”, parte IV, no n.º 6 (1950), com o subtítulo “Panorâmica”; “A Saúde Pública”, parte V, no n.º 7 (1950), com o subtítulo “O Problema Alimentar”; “A Saúde Pública”, parte VI, no n.º 8 (1950), com o subtítulo “A Carência Nutritiva em Cabo Verde”; “A Saúde Pública”, parte VII, n.º 9 (1950), com o subtítulo “A Carência Alimentar em Cabo Verde” (Continuação); “A Saúde Pública”, parte VIII, n.º 10 (1950), com o subtítulo “A Fome Vitamínica em Cabo Verde”; “A Saúde Pública, parte IX, n.º 11 (1950), com o subtítulo “A Fome Vitamínica (Continuação). Das Avitaminoses do Complexo B”; “A Saúde Pública”, no n.º 12 (1950), parte X, com o subtítulo “A Fome Vitamínica (Conclusão). Das Avitaminoses C e D”; “A Saúde Pública”, no n.º 13, parte XI (1950), com o subtítulo “A Fome Mineral”.

Ainda publicou o editorial do n.º 14 (1950), com o título “Coordenadas”; “A Propósito de um Concurso de Contos Regionais e de Três Primeiros Classificados – Crítica”; no n.º 14; “A Saúde Pública, parte XII, no n.º 15 (1950), com o subtítulo “Alimentação Racional para o Cabo-verdiano de Condição Humilde”. Não publicou nos n.ºs 16 (1951), 17 (1951), 18 (1951), 19 (1951) e 20 (1951). Publicou “Noções de Enfermagem aos Futuros Professores do Quadro Auxiliar”, no n.º 21 (1951); “Porto Grande de S. Vicente”, no n.º 22 (1951). Escreveu o editorial do n.º 23 (1951), com o título “Atitudes e Atos”. Não publicou nos n.ºs 24 (1951), 25 (1951) e 26 (1952). Publicou o texto “Alimentação Infantil”, parte I, no n.º 27 (1951), com a dedicatória “Às Nossas Enfermeiras e Assistentes Sociais de Puericultura”. Não publicou no n.º 28 (1952). No n.º 29 (1952), publicou o texto “Alimentação Infantil, parte II”. Não publicou nos n.ºs 30 (1952); 31 (1952) e 32 (1952).

No n.º 33, encontramos o texto “O I Congresso Nacional de Medicina Tropical – Numa Entrevista de Bento Levy com o Dr. Teixeira de Sousa” (1952). Não publicou nos n.ºs 34 e 35 (1952). Voltou a colaborar com o

artigo a “A Indolência dos Povos Tropicais”, no n.º 36 (1952). Não publicou nos n.ºs 37 (1952). Retomou a sua colaboração no n.º 38 (1952), com o texto “Será o Caboverdeano Indolente?”. Nesse texto, destacamos o facto de ter referido que o arquipélago de Cabo Verde se divide em dois grupos principais, sob o ponto de vista económico, havendo, ainda, a possibilidade de se adendar um terceiro grupo. Assim, encontramos:

[I]ilhas de recursos agrícolas e ilhas de recursos marinhos. Talvez se possa ainda considerar um terceiro grupo de ilhas de recursos mistos. Nas ilhas de vida essencialmente agrícola – Santo Antão, S. Nicolau, Santiago, Fogo e Brava – reina a intranquilidade no que respeita às colheitas. O regime irregular das chuvas confere um carácter precário à agricultura. Anos sucessivos de chuvas abundantes, como os que se vêm verificando desde 1949, têm sido excepcionais. (Sousa, 1952, p. 27).

Similarmente publicou “Carta para M. H”, no n.º 39 (1952); “Sublinhando”, dedicado ao Arnaldo França, no n.º 40 (1953). Não publicou no n.º 41 (1953). Voltou a publicar o artigo “Na Babel da Arte”, no n.º 42 (1953); “A Propósito dos Contos Premiados”, no n.º 43 (1953); “Considerações sobre duas Medidas Pedagógicas”, no n.º 44 (1953); “O nosso Concurso de Contos. A Propósito de uma Crítica – de Fernando Barragão e o Despropósito de um Criticado”, no n.º 45 (1953)⁵⁷. Não publicou nos n.ºs 46 e 47 (1953). Publicou “A Causa Negra”, no n.º 48 (1953); “O Doente e o Médico”, no n.º 49 (1953); “Documentário – nós não Estamos Sós”, no n.º 50 (1953). Não participou no n.º 51, mas participou no n.º 52 (1954), com o texto “O Problema da Lepra na Ilha do Fogo (sua Posição no Início do Ano Passado)”; Não publicou nos n.ºs 53 e 54. Publicou “O Problema da Lepra na Ilha do Fogo: sua Solução”, no n.º 55 (1954). Não publicou nos n.ºs 56, 57, 58, 59, 60, 61 e 62 (1954). Publicou o texto “Curcutiçan”, um estilo de arte popular executado pelos camponeses da ilha do Fogo, em que os adversários se injuriam jocosamente, à desgarrada (Sousa, 1964); “Cabo Verde e a sua Gente”, no n.º 63 (1954); “Casas de Lisboa – Notícias de Chiquinho”, n.º 64 (1955); “Cartas de Lisboa – A Emigração para S. Tomé”, n.º 65 (1955); “Cartas de Lisboa – Reanimação e Anestesia”, no n.º 66 (1955); “Buli-Mundo – Recolhas Folclóricas”, no n.º 67 (1955); e outros textos nos números seguintes, de forma irregular.

A “Carta para M. H”, publicada no referido n.º 39, merece igualmente o nosso realce, visto que mostra o seu desgosto pelo facto da Maria Helena Spencer não se assumir como tal nos textos que publicava, apesar de admirar a sua forma de escrita e como comunicava determinados assuntos importantes. Essa alusão resulta do facto da autora assinar com as iniciais do seu nome, uma assinatura que oscilava entre M.H.S., M.H e Maria Helena. No que se refere a multiplicidade da sua vida, José Maria da Costa escreve no artigo “Melhor Padrão de Vida – Resposta a um Comentário de M.H. Spencer” que:

⁵⁷ Este texto é uma resposta de Fernando Barragão ao Henrique Teixeira de Sousa (comentário e resposta).

Conheço a senhora D. Maria Helena. Sei que foi educada na metrópole num dos colégios de então. Sei que aproveitou e muito, com essa educação. No colégio era considerada aluna distinta. Teve como condiscípulas senhoras que hoje ocupam lugares de destaque no nosso meio social metropolitano. D. Maria Helena é uma figura intelectual que honra as letras de Cabo Verde. Tem a infelicidade de aqui viver, onde não há margens para tirar proveito do seu real mérito e talento. Mas, nesta crítica, que faz ao meu artigo, viu a questão sob um ponto de vista absolutamente subjetivo. (Costa, 1964, p. 19).

Henrique Teixeira de Sousa acompanhava a sua arte de escrita, com grande interesse e curiosidade, desde o momento em que os seus textos começaram a ser divulgados no suprarreferido boletim, onde procurava “dizer a verdade, subjetivamente” (Spencer, 2005, p. 109) como “a sentia”. O mesmo autor, aquando da escrita do artigo, não compreendia a razão dela ainda não ter uma obra de grande dimensão literária, casos de uma novela ou de um conto. Conhecendo a sua qualidade literária, entendia que Maria Helena Spencer seria mais um elemento a enriquecer a literatura cabo-verdiana, mormente porque representaria a voz feminina do país. (Sousa, 1952).

Considerada uma mulher que tinha em seu poder uma “requintada sensibilidade”, Maria Helena Spencer guardava “uma experiência de vida que é um rico filão a explorar. Tem em suma todos os dotes que servem os verdadeiros escritores, não lhe faltando ainda, como é fácil de depreender através de seus escritos, o hábito da boa leitura, a receptividade seletiva para o que lê. (Sousa, 1952:11). Em “Folhas de um Diário”, em resposta ao seu amigo, ela explica a razão de, em alguns momentos, não se assumir como autora dos seus textos: “Há 20 anos tentei escrever. Havia então um jornal – o *Eco de Cabo Verde* – que aceitou e publicou uma novela minha. Eu era então pouco mais de uma garota e a novela talvez demasiado pueril. Alguém comentou: – Melhor fora que aprendesse a coser!”. (Spencer, 2005, p.109).

Nascida na “pequenina cidade” da Praia, ilha de Santiago, Cabo Verde, no dia 3 de abril de 1911, Maria Helena da Piedade Branco Freire de Andrade Salazar d’ Eça Spencer Santos foi uma colaboradora assídua do boletim, com contos, crónicas e reportagens, de maio de 1953 a março de 1962. Bento Levy aquando de uma entrevista que lhe foi feita por Maria Margarida Mascarenhas, em janeiro de 1974, enalteceu o seu papel na manutenção da revista quando ele se ausentava do país. Veja-se a seguinte passagem:

Em todo o caso, ainda que a responsabilidade fosse minha, julgo de toda a justiça salientar a grande dedicação, lealdade e compreensão de quem nas minhas sucessivas ausências, em missões oficiais, soube manter a revista com extraordinária tenacidade: Maria Helena Spencer. Sem demérito para ninguém, nesta espécie de prestação de contas, tanto mais que o público desconhece esta faceta específica da sua colaboração. (*Apud* Mascarenhas, 2006, p. 569).

Assim sendo, além de publicar textos, também foi uma grande dinamizadora e defensora da continuidade da revista. Para o efeito, destacamos algumas crônicas e reportagens da autora, como: “Partir”, no n.º 30 (1952); “Solidariedade”, no n.º 45 (1953); “Duas Cartas”, no n.º 48 (1953); “Vazio”, no n.º 49 (1953); “O Que eu Vi, uma Noite no Cais”, no n.º 50 (1953); “Eu Quis Fugir Também”, no n.º 56 (1954) “Uma Tarde com Jorge Barbosa”, no n.º 57 (1954); “Incompreensão”, no n.º 63 (1954); “Saudade”, no n.º 70 (1955) “O Que os Meus Olhos Viram”, no n.º 87 (1956); “Esta Terra Ignorada”, no n.º 120 (1959).

Em paralelo com o “O Que os Meus Olhos Viram”, Mário Fonseca publicou o poema “Quando eu era Menino”, no n.º 152 (1962) do Cabo Verde – *Boletim de Propaganda e Informação*. Leia-se o seguinte excerto:

Encontrei-TE

No acaso de um jardim ocasional
No fim de um dia
Quase morto e rejeitado
Em tudo igual aos outros
já mortos e perdidos.

Encontrei-TE

No acaso de um jardim convencional – Belíssima – E dei-TE
um nome: Olhos Negros.

[...]

Fiquei a olhar-TE
De longe
longamente

Mas era insuficiente
O meu somente olhar-TE
Porque vasto
O meu querer-TE MINHA

[...]

Só sei que
O meu mais profundo ser
chorou...

QUANDO EU ERA MENINO. (Fonseca, 1962, p. 5).

Nos dois textos, ambos os autores relatam um momento de descoberta. Maria Helena Spencer aborda uma experiência de um mês tida num quarto de um hospital particular da Praia, sustentada pelos seus olhos curiosos que lhe fizeram perceber a triste realidade vivida pelas crianças que se encontravam internadas. Foi desse olhar que se deparou com alguns “olhos negros”. (Spencer, 2005). Em suma, esses “olhos negros” foram retomados por Mário Fonseca no poema anteriormente transcrito. Neste

sentido, o *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*, além de divulgar muitos nomes da literatura cabo-verdiana, nomeadamente o nosso autor em estudo, também serviu de um espaço de diálogo entre os seus colaboradores.

Referências

ALMADA, José Luís Hopffer (coord). *O Ano Mágico de 2006: olhares retrospectivos sobre a história e a cultura cabo-verdianas*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

CABRAL, Amílcar, “Em Defesa da Terra”. *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*, n.º 2, pp. 2-4, 1949.

COSTA, José da Costa, “Melhor Padrão de Vida – Resposta a um Comentário de M.H. Spencer”. *Cabo Verde - Boletim de Propaganda e Informação*, n.º 166, p. 19, 1964.

FONSECA, Mário, “Quando eu era Menino”. *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*, n.º 152, p. 2, 1962.

LEVY, Bento, “A nossa Finalidade”. *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*, n.º 1, pp. 10-11, 1949.

LEVY, Bento, “Em Marcha”. *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*, n.º 2, p. 1, 1949.

LEVY, Bento, “Explicando”. *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*, n.º 1, p. 11, 1949.

LUZ, Hilarino da. *O imaginário e o quotidiano cabo-verdianos na produção literária de Jorge Barbosa*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, 2013.

OLIVEIRA, João Nobre. *A Imprensa Cabo-verdiana 1820- 1975*. Macau: Fundação Macau – Direção dos Serviços da Educação e da Juventude, 1998.

ROÇADAS, Carlos Alves, “Recomeçemos”. *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*, n.º 1, p. 1, 1949.

SERRA, Manuel “Evasão”. *Cabo Verde - Boletim de Propaganda e Informação*, n.º 55, p. 21, 1954.

SOUSA, Teixeira, “Coordenadas”. *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*, n.º 14, pp.1-2, 1950.

SPENCER, Maria Helena (Sel.; notas e coord. Ondina Ferreira). *Contos, Crónicas e Reportagens*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2005.